

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

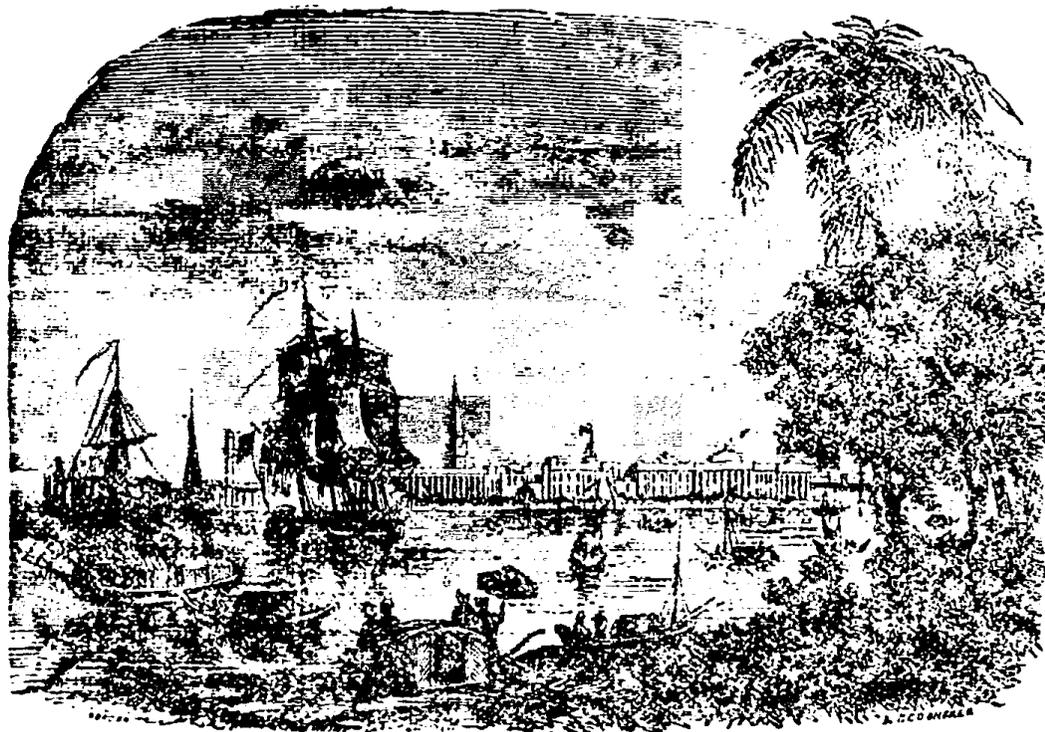
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... In Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Ernesto Renan*, por A. A.—Secção Religiosa: *A confissão*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 84.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Actualidades; Notas*, por Dom Antonio d'Almeida; *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Retrospecto, por R.—Variedades: *O cavalleiro da Pomba*. Vers. de Cosur Carmo.

Gravuras: *Chandernagor; Du Guesclin*.



CHANDERNAGOR

Ernesto Renan

COMMUNICAMOS ha dias o telegrapho a noticia da morte de Ernesto Renan.

A funebre noticia produziu a sensação que soem produzir noticias da morte de homens notaveis. Sem esperar que a lousa do sepulcro escondesse os restos mortaes do extincto, para logo o inexoravel escarpello da critica começou de disseccar a vida e os talentos, verdadeiros ou suppostos do finado, d'esse que já hoje occupa incontestavelmente, um logar proeminente na historia das questões religiosas do nosso seculo.

A critica vae seguindo por caminhos diversos; e de suppor é que assim continue; pois, se as mesmas razões podem produzir, e produzem effectivamente, em varios espiritos de convicções diversas, essa diversidade sobe de ponto quando influenciada e ateadada pelo sentimento, mormente pelo sentimento religioso, como no caso presente.

A memoria de Renan ha-de acontecer o mesmo que a memoria de Celso, Ario, Socino e Voltaire: a cidade do mal, fazendo da sua irreligião unica regra de criterio, acclama-o e ha de acclamar-o sempre pensador de largueza e elevação de vistas, philologo distinctissimo, orientalista consummado; enquanto a cidade do bem, procurando ser justa até para com inimigos, deplora o mal que o apostata causou ás almas de tantissimos de seus filhos, fazendo uso tão lastimavel dos talentos que Deus lhe distribuiu, mas não nega a existencia dos talentos, onde quer que estejam, pois manifestam a misericordia, bondade e sabedoria infinitas d'Aquelle que é principio e causa de todas as perfeições das creaturas.

Se o infeliz apostata demudou o ouro purissimo dos dons de Deus, que lh'os distribuiu para utilidade propria e proveito espirital dos proximos, em veneno subtilissimo com que se suicidou moralmente e matou a alma de muitos de seus irmãos, nem por isso se deixa de reconhecer a existencia dos talentos onde existem, que isso redonda, não em honra do desventurado que negociou com elles a sua desdita, mas sim em gloria d'Aquelle que lh'os concedeu com liberalidade.

* *

E Renan recebeu talentos de Deus. Ahi estão as suas obras a mostral-o. Tinha perspicacia, era erudito e com justiça se pode capitular de escriptor de raça apurada. Formado na alta eschola de M. le Ilir, o sabio e venerando professor de S. Sulpicio, tinha paixão pelo orientalismo, o a exegese era

lhe familiar. O seu estylo tem encantos e magestade. Sabia manejar com destreza a dicção franceza, e a adjectivação é facil e, bafejada pelo seu espirito sarcastico, a revezes felicissima.

Bem sabemos que a erudição de Renan não é de bom quilate, e que o seu estylo não é o estylo preciso e rigoroso que convem a um critico, digno do nome; esses defeitos, porém, attribue-os a justiça, não á falta de merecimentos intellectuaes e litterarios por parte do escriptor, mas sim ao uso que o auctor fez d'esses dons: erudição bem orientada e estylo bem disciplinado, ao serviço da causa e intuitos sectarios de Renan, descahem necessariamente na erudição defeituosa e no estylo, por vezes, óco e confuso do auctor da «Vida de Jesus».

Renan tinha talento que farte para reconhecer o absurdo das suas contradicções, a gratuitidade das suas negações, o illogico das conclusões que deduz sem premissas, o arbitrario das suas invenções sem verosimilhança, o phantasiado das suas conjecturas sem vislumbre de probabilidade... que nem para isso se requer talento, basta o só senso commum.

Não obstante, o auctor da «Vida de Jesus» havia concebido o plano blasphemo de negar a Jesus Christo e de explicar a historia da humanidade sem a Divindade d'esse Homem que lhe é lei e como que personificação. Eis a difficuldade perante a qual se sentiu impotente o talento de Ernesto Renan, como de resto aconteceria ao talento mais robusto que intentasse identicos projectos; o talento, erudição e estylo de Renan descahem applicados á demonstração de um impossivel, «quem não pode trapacéa».

A um tempo amesquinha e exalta a Jesus, blasphema e bemdiz o seu sancto nome, vilipendia-o e sauda-o; n'uma pagina proclama-o «pensador sublime, homem de proporções colossaes, o grande consolador da vida» e adeante ousa adjectival-o de «hallucinado, ignorante e moralista exaltado».

E' caso de repetir aquella palavra da Sagrada Escripura: *Mentita est iniquitas sibi*.

Que prova toda esta serie de contradicções flagrantes, cujo não-senso e absurdo só corre parelhas com a sua impiedade e blasphemia? A nosso ver uma só coisa: o impossivel, a repugnancia intrinseca dos termos da these que Renan se propoz demonstrar na «Vida de Jesus». O erro é da causa, não é do defensor, que, mau grado de seus impios intentos, forneceu a todo o homem amante da verdade a prova mais frisante e cabal da Divindade de Jesus Christo.

* *

Jesus Christo é a grande lei da historia, que toda gyra em torno d'este nome admiravel e divino. A passagem da historia antiga—o longo e obscuro periodo da expectação—a historia moderna—o luminoso periodo da realisação e da posse—, sem a grande personalidade de Jesus Christo é um verdadeiro impossivel.

Ernesto Renan, desviando-se aqui, da esteira dos criticos-demolidores que o haviam precedido, reconheceu esta grande verdade, faça-se-lhe justiça: teve a coragem de proclamar a historia inexplicavel sem Jesus Christo (1).

Antes de Ernesto Renan a incredulidade limitava-se a combater ou a sophismar as explicações e as provas historicas da fé, não ousando abalancar-se a tentar uma razão do acontecimento momentosissimo da origem do Christianismo (2): era prudencia que evitava um desastre, mas que dava testemunho implicito da verdade da explicação christã. (3)

Renan foi a creança imprudente que veio patentear ao mundo o que pode a critica athea e racionalista na explicação do «acontecimento capital da historia da humanidade». Pretendeu explicar a historia reduzindo Jesus Christo ás proporções de um homem, embora sabio; e a sua «Vida de Jesus» ahi está a demonstrar que sómente conseguiu o seu *desideratum*, não obstante dispôr de agudeza de engenho e de recursos variadissimos de erudição, contradizendo-se flagrantissimamente, e peizando as paginas do seu livro mais celebrado de incoherencias sem conto, de negações feitas a capricho, invenções sem vislumbre de verosimilhança, criticas sem norma reguladora e conjecturas sem motivo (4).

Ora uma these que homens de talento e que dispoem de cabedal de erudição só podem defender á custa do sacrificio do pobre *principio de contradicção* nos altares do preconceito anti-religioso é uma these perdida e repugnante nos termos. E' precisamente o caso da «Vida de Jesus» do finado Ernesto.

* *

«E' necessario que venham escandalos; todavia ai do homem por quem

(1) Introd., p. LIX.

(2) *L'événement capital de l'histoire du monde est la révolution par laquelle les plus nobles portions de l'humanité ont passé des anciennes religions, comprises sous le nom vague de paganisme, à une religion fondée sur l'unité divine, la trinité, l'incarnation du Fils de Dieu. Vie de Jesus, p. 1.*(3) Ang. Nicolas. *La Divinité de Jesus Christ.*, p. 9.(4) Ang. Nicolas. *Divinité de Jesus Christ.*, p. 6.

vem o escandalo». (1) A vista do que precede recorda esta grande verdade da Sagrada Escripura: foi necessario o escandalo produzido pela impiissima «Vida de Jesus» a fim de patentear a inanidade do racionalismo em face do problema christão. A nossa crença ficou vingada e o erro mais uma vez confundido.

A. A.

SECÇÃO RELIGIOSA

A confissão

Verdades palpaveis

(Continuação do n.º antecedente)

SEJA como for, é assente e liquido que na religião o que sobretudo incommoda é a confissão.

Vós que não sois nem um conspirador de honras, nem um subtrahedor de bolsas alheias, que sois, como credes e dizem de vós, um homem de bem, mas que, infelizmente, haveis estudado pouco, fóra de certas escholares, tereis difficuldade n'isso?

—Em quê? em estudar a confissão?

—Sim, a confissão.

—Haveria ahí muito que dizer...

—Falai pois. Dizei o que tendes lido e o que tendes ouvido.

—V. R.^{ma} deseja? Pois bem: dizem que os padres inventaram a confissão.

—E indicam o nome talvez do padre inventor.

—Sim, o padre chamava-se Innocencio III. E' o Papa que em 1215 inventou a confissão e a impoz ao povo christão no quarto Concilio de Latrão.

—Já contava com isso. Tenho pois de prevenção um capitulosinho que vos rogo a mercê de lerdes com alguma attenção.

II

A confissão nos primeiros seculos da Igreja

Como querem certos insultadores da verdade, a confissão foi inventada por Innocencio III no quarto Concilio ecumenico de Latrão, em 1215. Um centenar de vezes se tem respondido que o ordenar a todos os fieis a confissão dos peccados a um confessor approvedo, ao menos uma vez cada anno, o quarto Concilio de Latrão nada mais fez que recordar uma obrigação já antiga; como porém se não acha facilmente, fóra das obras de maior tômo, a serie dos testemunhos demonstrativos da instituição e prática da confissão anteriormente ao referido Concilio, julgamos util apre-

sentar-os em algumas paginas, extrahidas das obras do cardeal Belarmino, onde pode verificar-se a exactidão e authenticidade dos textos.

Comecemos por uma observação geral sobre certos Concilios, em que se tracta da proporção a observar entre a falta commettida e a pena imposta, o que suppõe evidentemente a confissão. Como proporcionar a pena aos peccados sem lhes conhecer o numero e a gravidade? Passemos a expôr.

São taes, durante os quatro primeiros seculos, os testemunhos ácerca da confissão, que o historiador protestante Gibbon, na sua obra *Sobre a decadencia do imperio romano* declara «que o homem instruído não pôde resistir ao peso da evidencia historica que estabelece haver sido a confissão um dos principaes pontos da doutrina papista (isto é, catholica) no decurso d'esses quatro seculos.»

No primeiro e no segundo seculo podemos citar S. Clemente e Sancto Irineu.

S. Clemente, discipulo de S. Pedro e S. Paulo, terceiro successor do principe dos Apostolos, exprime-se do modo seguinte na sua 1.^a Epistola:

«Se a inveja e a infelicidade se introduzir secretamente em vosso coração, não receeis, por diminuto que seja o interesse por vossa alma, de o confessar ao que vos preside, isto é, ao padre.»

Sancto Irineu, discipulo de S. Polycarpo, que o fóra do Apostolo S. João, no cap. XIII do seu primeiro livro contra as heresias, fala de certas mulheres, que pervertidas por um tal Marcos, se confessaram de sua culpa d'ellas.

A proposito do heretico Cerdrón, o mesmo sancto affirma que muitas vezes entrava na Igreja flagindo converter-se, umas vezes espalhando a heresia em segredo, outras vezes sujeitando-se á confissão.

No seculo III fala Origenes da confissão: «Se nos arrependemos de nossos peccados e os confessamos, não só a Deus, mas tambem áquelles que tem o poder de os remediar, serão perdoados os nossos peccados.»

«Ha ainda um meio de obter o perdão dos peccados, ensina o mesmo auctor n'uma segunda homelia sobre o *Levitico*, é quando o peccador se não envergonha de expor seu peccado ao ministro do Senhor e pedir-lhe remedio, a exemplo d'aquelle que repetia: «Eu o disse; accusando-me pronunciarei contra mim mesmo a minha injustiça.»

E em uma homilia sobre o psalmo XXXVII: «Quando o peccador se accusa a si mesmo e se confessa, vomita o seu peccado e extirpa a causa de seu mal.»

Tertuliano não é menos claro n'este

assumpto: «Ha, diz elle, quem recue deante do trabalho rude da confissão e a diffira de dia para dia. E' que a humana honra lhe é mais cara que a salvação; procede como o infermo acommettido de molestia vergonhosa e occulta que, por se não manifestar ao medico, morre victima d'uma falsa vergonha. Ser-lhe á de mais proveito condemnar-se occultando seu peccado, ou salvar-se declarando-o?» e acrescenta mais adiante: «E' aos pés do sacerdote que lhe cumpre humilhar-se e lançar-se de joelhos.» (*Da penitencia.*)

S. Cypriano referindo-se aos que fraquearam durante a perseguição, fala do teor seguinte: «Confesse cada um d'elles o seu peccado em quanto sua confissão pode ser attendida, e a satisfação e remissão dispensada pelo sacerdote pôde ser acolhida por Deus.»

Sozomenes e Socrates na sua *Historia da Igreja*, nos livros V e VII, ensinam que no terceiro seculo se instituiram em toda a Igreja padres penitenciaros, aos quaes os peccadores pudessem confessar facilmente os seus peccados.

Sozomenes no livro VII de sua *Historia*, cap. XVI, diz expressamente que para obter o perdão, é necessario confessar seus peccados.

No seculo IV, os doutores e escriptores ecclesiasticos multiplicam-se, e com elles cresce o numero dos testemunhos ácerca da confissão. Nomeamos sómente Sancto Athanasio, Lactancio, S. Basilio, S. Cyrillo, S. Gregorio de Nyssa e S. Ambrosio.

Santo Athanasio diz que o homem baptisado pelo sacerdote é allumiado pelo Espirito Sancto, do mesmo modo que é indultado de suas culpas aquelle que as confessa ao representante de Deus.

Lactancio, em suas *Instituições* (liv. IV, cap. XVII) declara que Deus nos propoz a penitencia para que se manifestarmos francamente nosso coração, isto é, se confessarmos nossos peccados com humilde satisfação a Deus, obtemos d'elle o perdão que soe recusar aos que se obstinam em seus delictos e occultam os que tem commettido.

«Convem saber, diz n'outro logar, que a verdadeira Igreja é aquelle em que se encontra a confissão e a penitencia.» (*Ibid.*, c. XXX).

S. Basilio, na regra 228.^a, declara que os peccados devem necessariamente ser descobertos aos incumbidos de administrar os mysterios de Deus.

S. Cyrillo de Jerusalem, na sua primeira *catechese*, exhorta á penitencia e á confissão: «Confessai os peccados que tendes commettido por palavras ou por obras, á luz do dia ou nas sombras da noite.»

S. Gregorio Nysseno escreve que é

(1) S. Math., 18-7.

um dever descobrir ao confessor, verdadeiro medico espiritual, os segredos mais intimos da consciencia.

Sancto Ambrosio, no segundo livro da penitencia (cap. VI) diz claramente: «Se pretendes ser justificado confessa a tua falta.»

No primeiro livro do mesmo tractado, declara que o arrependimento não apaga os peccados, embora secretos, sem a reconciliação e absolvição do padre.

O diacono Paulino, de Milão, conta do mesmo Sancto Ambrosio que elle ouvia as confissões particulares, e com os peccadores chorava com tanta compunção que não podiam deixar de chorar tambem com elle.

S. Paciano reprehende os peccadores que se não envergonham de peccar mas se envergonham de confessar.

No seculo V, poderiamos citar em favor da confissão os testemunhos de S. João Chrysostomo, S. Jeronymo, Sancto Agostinho e Sozomenes, a que já nos referimos.

No terceiro livro do *Tractado do Sacerdocio*, S. João Chrysostomo, exaltando a dignidade do sacerdote, exprime-se nos termos seguintes: «Os homens receberam de Deus um poder que não conceden aos Anjos nem aos Archanjos. Nunca jamais disse aos Espiritos Celestes: «Tudo o que vós ligardes ou desligardes sobre a terra será ligado ou desligado no céu. Os principes da terra só podem ligar ou desligar os corpos; o poder do sacerdote vai até á alma, e isto não só pelo baptismo, mas ainda pela absolvição dos peccados. Não nos envergonhemos de confessar nossas faltas; quem, envergonhado de patentear suas culpas a um homem, recusa confessar-se, será no dia do juizo coberto de confusão na presença do mundo todo.»

No seu commentario sobre o capitulo XVI de S. Matheus, diz S. Jeronymo «que depois de ter ouvido, segundo seu ministerio, as diversas especies de peccados, sabe o padre se deve ligar ou desligar.»

No quinto livro de suas *Homelias*, na undecima, ensina Sancto Agostinho que Deus quer que nos confessassemos de nossos peccados n'este seculo para que d'elles nos não envergonhemos no outro.

Explicando o psalmo 76, anima o peccador á confissão: «Confessai-vos; lançai de vós por meio da confissão os detritos purulentos do peccado, e ficareis em consolação e alegria, e promptamente a chaga cerrará.»

N'outra parte, no sermão 392, responde a esses phariseus suberbos de todos os tempos, que, dizem elles, não se confessam se não a Deus: Não venha

ninguem dizer: *Faço penitencia na presença de Deus; elle o sabe e elle me perdou...* Foi então em vão que disse aos seus discipulos: «O que desligardes na terra é desligado no céu?» Foi em vão que a Igreja recebeu as chaves? Em nenhuma conta é por vós tido o Evangelho, menosprezais a palavra de Jesus Christo e prometteis vos o que elle vos recusa?!»

Todas as condições d'uma confissão particular e circumstanciada estão expressamente signaladas no cap. V do segundo livro d'uma obra sobre a *Vista dos enfermos*, de auctor desconhecido, mas de data antiquissima: «Manifestai pois ao padre os peccados que mais aggravam a vossa consciencia; não sejais obscuro em vossa confissão, nem em ambiguidades, nem em rodeios; descobri singelamente a verdade, indicando, se a memoria vos ajuda, os lugares e o tempo.»

No seculo IV, S. Gregorio Magno, na 26.^a *Homelia sobre os Evangelhos*, applicando a resurreição de Lazaro á confissão, acrescenta: «Saia pois fóra o morto, isto é, confesse o peccador a sua culpa.»

S. João Climaco recommenda igualmente a confissão.

S. Cesario, bispo de Arles, incita o peccador a recorrer á confissão com igual diligencia á do naufrago que lança mão á taboa do navio espedaçado.

Ajunctemos ainda que a historia nos transmittiu os nomes dos confessores de certas pessoas illustres, que viveram antes do Concilio de Latrão. Sabe-se por exemplo que o rei Thierry I se confessava a Sancto Ansbergo, arcebispo de Ruão (VI seculo), que o confessor de Pepino de Heristal fóra S. Vironio, bispo de Ruremonde. S. Martinho, monge de Corbia, fóra o confessor de Carlos Martel; Harlemandio, bispo de Mans, o de Pepino o Breve. Luiz Le Débonnaire dirigia-se por Sancto Aldrico, bispo de Maus.

Nas suas Capitulares, Carlos Magno ordena que um ou dois bispos acompanhem o principe e cada prefeito tenha consigo um padre para ouvir as confissões dos soldados.

Devido ás invasões dos normandos e ás guerras que se multiplicaram no seculo VIII, IX e X, rareiam os escriptores ecclesiasticos. Se todavia interrogarmos os mais illustres de cada uma d'essas epochas, obteremos successivas respostas comprovativas da confissão.

Fala d'ella no seculo VIII o Veneravel Beda.

No seculo IX Raban, bispo de Mayença, declara que o peccador deve lan-

çar de si mediante a confissão o veneno de seus peccados.

No seculo XI S. Pedro Damião narra a historia d'um monge que foi advertido por uma voz miraculosa d'um peccado que se esquecera de confessar.

No seculo XII, S. Bernardo, no sermão aos cavalleiros do Templo, prega a necessidade da confissão, e no terceiro sermão sobre o *Cantico dos Canticos* declara que é um dever confessar cada um humildemente, puramente, fielmente tudo o que pesa na consciencia: *Omne quod remordet conscientiam confitere humiliter, pure, fideliter.*

Sufficientes são estes valiosos testemunhos para demonstrar que a confissão não foi inventada por Innocencio III nem pelo quarto Concilio de Latrão.

Quem pois foi o inventor da confissão? Sabel-o-eis no capitulo seguinte.

(Continua)

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

S 4.º

CLXXXII

P. Luiz Alvares

Foi um dos mais insignes varões da Companhia de Jesus, em Portugal, sobre tudo no zelo religioso e conversão das almas. Distinguiu-se na eloquencia do pulpito, pela liberdade apostolica com que annunciava a palavra de Deus.

O P. Luiz Alvares nasceu em Lisboa, no anno de 1539, d'uma familia nobre e honesta, e abraçou o instituto de Sancto Iguacio no collegio de Coimbra, a 5 de janeiro de 1560.

Discorreu muitos annos pelo reino, a pé, vivendo de esmolas, todo empregado na santa empreza da conversão dos peccadores, colhendo copioso e admiravel fructo com as suas prègações.

O V. Fr. Luiz de Granada, seu contemporaneo, o comparava aos primeiros Apostolos do Filho de Deus; e a seu respeito disse S. Pio V ao Geral da Companhia: «Ouço dizer que tendes em Portugal outro S. Paulo.»

O jesuita Alvares era um leal portuguez e decidido defensor dos direitos da Casa de Bragança, e continuou a sustentar a sua opinião ainda depois do dominio de Philippe II. Apesar do apurmo com que prégava mesmo deante d'aquelle rei e do cardeal Alberto, governador de Portugal, foi sempre estimado por estes principes: tanta era a auctoridade e reputação d'este homem famoso.

Prégando na villa de Aviz, alli morreu, durante as suas missões, a 24 de novembro de 1590.

CLXXXIII

P. Ignacio Martins

A'cerca d'este famoso jesuita portuguez, que tanto se distinguio no primeiro seculo da Companhia, escreve o insuspeito João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*:

«O P. mestre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, e grande gloria da villa de Gouveia, sua patria. Foi o primeiro que leu philosophia nos collegios de Coimbra e Evora. Teve uma ardente caridade e zelo da salvação das almas, um fervor apostolico em seus sermões e no exercicio da doutrina christã, com que instruiu os meninos de Lisboa. no espaço de 16 annos, acreditando o ceu com prodigios o seu santo intento.

Falleceu com opinião de justo a 8 de fevereiro de 1598, e jaz no collegio da Companhia de Coimbra.»

Nada mais seria necessario acrescentar a estas palavras que condensam tudo o que se podesse dizer do jesuita P. Ignacio Martins; mas convem dar d'elle uma noticia mais circunstanciada.

E, primeiro que tudo, diremos duas palavras de João Baptista de Castro, que tantas vezes temos citado n'esta Galeria como auctor insuspeito nos seus elogios aos jesuitas que em virtudes e sciencia se distinguiram em Portugal.

Castro na primeira edição da sua obra que appareceu antes da perseguição da Companhia de Jesus, nada disse em desabono d'esta congregação; mas na segunda edição tornou-se echo das calumnias e accusações do marquez de Pombal, ainda que continuou a elogiar em particular a cada um dos jesuitas de Portugal.

Não sabemos se mudou de opinião, ou se foi effeito da pressão do ministro prepotente de D. José I; é certo que elle se associou aos calumniadores da Ordem de Santo Ignacio, supposto que elogiou a primitiva, ao contrario d'outros que condemnavam o proprio instituto.

Eis o que elle diz depois de serem proscriptos os jesuitas de Portugal:

«N'este deploravel estado, em que são vistos, se verificou (pode ser) a prophesia do santo Borja, quando lhes annunciara: *Veniet tempus cum se Societas multis quidem hominibus abundanter, sed spiritus et virtute destitutam, moerem intusbitur.*»

E depois em nota cita Lacroix, fazendo crer que este theologo jesuita ac-

ceita a prophesia de S. Francisco de Borja como verificada nos jesuitas!

Ora João Baptista de Castro altera o texto de Lacroix e as palavras do santo Borja. E note-se que Lacroix no lugar citado refuta a interpretação que lhe dá outro calumniador! São assim os inimigos dos jesuitas.

No entanto vemos que Castro elogia os sabios jesuitas, e entre elles o P. Ignacio Martins, de quem ao presente nos occupamos.

Tinha nascido este varão apostolico na villa de Gouveia, no anno de 1512. Foi distincto orador sagrado, e é geralmente conhecido por ser o auctor da celebrada cartilha de doutrina christã. Quem não tem ouvido fallar na *Cartilha do Padre Ignacio*?

E' o livro mais popular de quantos existem, e do qual se fizeram innumeraveis edições. E' a obra mais classica no seu genero, e que serviu de modelo a outras, como a não menos affamada *Cartilha do Abade de Salamonde*, Antonio José de Mesquita Pimentel.

Este douto e santo jesuita é tambem um dos que são atrozmente accusados nos libellos do marquez de Pombal.

CLXXXIV

P. Alexandre Giorgi

Nasceu este affamado jesuita em Veneza, a 11 de setembro de 1747; pertencia a uma familia illustre antiga cujos ascendentes tinham occupado logares elevados no estado, e, alem d'isso, Alexandre era filho unico, herdeiro dos grandes bens da casa Giorgi. Tudo abandonou para abraçar a vida religiosa na Companhia de Jesus.

Principiando os seus estudos no collegio dos jesuitas de Veneza, accreditado pela solida instrucção litteraria e moral que n'elle se ministrava aos alumnos, como em todos os collegios da Companhia, o joven Alexandre affeicou-se áquelle instituto e n'elle professou, tendo 19 annos de idade.

Foi logo nomeado professor de bellas-lettras em Parma, porque revelava talentos precoces; desempenhou com applauso geral os deveres da sua cadeira por muitos annos.

Pouco depois (1773) foi extincta a Companhia de Jesus, e o joven P. Alexandre Giorgi regressou á sua patria, onde deu lições particulares de theologia, e em Ferrara encarregou-se da educação de filhos de pessoas nobres.

O P. Giorgi distinguiu-se por seus vastos conhecimentos em litteratura, em linguistica, em metaphysica e theologia; sobre tudo isto deixou varias obras, geralmente estimadas. Elle es-

crevia o latim com rara pureza e elegancia.

Mas o excesso do trabalho a que se entregava, junto a uma saude naturalmente fraca, lhe causou a morte prematura que se realisou a 14 de julho de 1779, na idade de 32 annos incompletos.

Este bom religioso e eminente litterato teve relação com muitos sabios do seu tempo.

(Continúa)

P.* João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Actualidades

Onde está D. João de Castro!—O *Correio de Portugal*, transcrevendo do *Futuro*, diz-nos «que um governador de Angola *mendonçacortezou* todas as joias de ouro e prata pertencentes ás diversas egrejas da provincia sem que contra elle se instaurasse processo crime».

Ora nós não nos admiramos d'isto. O governo liberal *secularisou* todos os bens dos frades e das freiras. *secularisou* os bens dos parochos e *applicou* equal beneficio aos das confrarias, misericordias, quer o governo seja das hostes progressistas, quer das regeneradoras, quer das constituintes, etc., etc. O heroico mendonçacortezador das egrejas africanas é alumno aproveitado do governo liberal; não merecia um processo, mas uma commenda, e decerto a obteve, para brilhar nos dias de grande gala, e no de grande lucto, quando, ornado da brilhante condecoração, transpuzer sombrio e cabisbaixo os humbraes da eternidade.

Do mesmo *Futuro* se extrahе uma verdade como um punho: «O decreto que aboliu definitivamente a escravidão, passando os que então eram escravos e os que se resgatassem das mãos do gentio, ás condições dos serviços libertos com o serviço obrigatorio por dez annos, agradou geralmente na provincia por ser justo e equitativo.

«O governador geral da provincia, aproveitando esta impressão, ORDENOU que aos pretos, que entravam diariamente em Loanda, carregados de generos para a permuta de conta propria, fosse cobrada uma macula por cada carga, AFIM DE QUE SE COMPRASSE UM GRILHÃO DE PRATA, que lhe seria offerecido como prova de consideração e reconhecimento pela publicação do benefico decreto!!

«N'este tempo, entravam diariamente

em Loanda dois ou tres mil pretos carregados; por tanto, dentro em pouco, a forçada subscripção attingia uma somma muito consideravel, com que se comprou o famoso grilhão de prata que o governador a si mesmo offrecia, guardando as sobras da somma apurada, que eram importantissimas!»

Isto diga-se em segredo. Se a historia toma o principio *ab uno disce omnes*, este simples facto fora o descredito d'uma nação. A historia porém não se escreve ao influxo de tal principio.

E' todavia certo que uns funcionarios de igual estofa devèram ir para a Africa, á custa do Estado, mas não como governadores, como forçados.

Temos porém lido nas folhas liberaes que quem os manda são do mesmo estofa e a ser isto verdade, não sabemos onde haja remedio. Dão um nome feio aos inglezes; e se já era desdouro chamar *francês* a um portuguez, o que será chamar-lhe INGLEZ?...

Em que pantano chafurdamos!... Pobre paiz! E vemos que o povo, o ingenuo povo, com o seu voto, é por assim dizer responsavel por tudo isto.

Em presença de tal desconcerto, mandamos para a meza a seguinte meção: «O clero, que tem obrigação de guiar o povo, instrua-o sobre a importancia do voto.»

Quando essa importancia for tomada em consideração, as coisas hão de mudar necessariamente, fatalmente. Foi, é, e ha de ser: «As consequencias derivam das premissas.»

Só o partido catholico pode salvar-nos: Quem teme a Deus não rouba aos homens.

* * *

Aos amadores do theatro—Vamos ao theatro?

—Não; eu não vou ao theatro. Tenho muito amor á minha alma para a ver corrompida. Demais, ha lá tanto perigo...

—Ora! caturrice... jesuitismo!

—Como queira. E' certo porém que ha vinte annos, pela ultima vez, entrei no Baquet, quando alli se representava o *Trapeiro de Paris*...

—E pôz-lhe medo o *Trapeiro*?

—Não pôz: indignou-me o espirito e revoltou-me o estomago.

—Hein?

—Tal qual. Estava-se no 2.º acto, creio. Uma costureira parvoa mudava de fato para mascarar-se, e de tal sorte se descompoz que faria vergonha a uma estatua. Eu, na plateia, puz o chapen na cabeça, e desandeí por alli fóra, deixando saturar-se de torpezas aos ingenhos que ainda o não estão que farte.

—Mas... perigos já lá vão. Aquillo agora é tudo a electricidade.

—Sim? Ora ouça: «Um grave incidente levou bontem, 18 d'outubro, pesado lucto a grande numero de familias. N'um theatro de Hirring (Loire) representava-se, com animados applausos da multidão, a apothese da alliança franco-russa, quando, repentinamente, um estalido horrivel se fez ouvir, seguindo-se lhe logo pavorosos gritos de desespero. O theatro tinha desabado. No Carl-Theatre, de Vienna, um involtorio d'um fio electrico ardeu e um cheiro penetrante derramou-se por toda a sala. Os espectadores, de cabellos hirtos, olhar espavorido, puuhos cerrados, buscavam allictos uma saída qualquer. Não faltaram pernas quebradas, contusões, desmaios, etc. etc.»

—Mas não houve ainda ha pouco perigo para os naufragos da Afurada e os infelizes da Povoá?

—Houve. Esses porém estavam no posto de seu dever e honroso é morrer em tal posto, mas n'um theatro...!

Nada; nem corpo nem alma alli estão seguros.

* * *

Um punhado de sãs palavras—Um dia, referindo-se ao divino Salvador, proferiu Satanaz estas palavras notaveis: «Tu em verdade és o Filho de Deus!»

Esta confissão foi uma grande verdade.

Como porém passou ella incolume através do espirito da mentira?

E' que a verdade é tam forte que destroe em sua passagem os obices erguidos a detel a. Por isso, n'um jornal em que não é raro encontrar-se a impiedade, producto nefando da mente de Satanaz, descobrimos as verdades seguintes, que enquadram admiravelmente nas columnas do «Progresso». Eil-as:

«Julgaria defraudar a historia das ultimas eleições camararias, se calasse o seguinte episodio curiosissimo, occorrido na assembleia do Bom Jesus do Monte (Braga).

«Uma senhora bem conhecida n'esta cidade, dotada d'um desembaraço feminil bem pouco vulgar, consultou o progresso e achou que estava no seu direito, acompanhando os seus eleitores até á bocca da urna. Assim o fez, e pelo sexo masculino foi tolerado aquelle flagrante quebrantamento da lei. Ali se conservou por muitas horas a corajosa dama, reconhecendo a identidade de certos votantes, contestando a d'outros formulando protestos oraes contra alguns actos, que não approvava; mas tudo aquillo, como o que sai d'uma bocca feminina, tão formoso e tocante que feria as cordas sympathicas dos barbados que se deixavam convencer.

«Talvez isto quadre ao seculo das luzes mas eu é que n'este ponto me confesso rematadamente retrogrado, e bem quizera que a auctoridade, com a lei na mão desentronisasse a usurpadora dos nossos direitos.

«Não vamos tão longe, como Maréchal que propoz ao senado francez e muito a serio, que fosse vedado á mulher o aprender a ler, e se Napoleão não chega n'esse comenos, a cousa ia por diante.

«Não persilhamos nem por sombras essas ideias, mas pensamos que Deus prescreveu á mulher os limites do seu imperio, dizendo-lhe, como ás ondas do mar: «d'aqui não passarás». E contentem-se que o seu poder já não é pequeno.

«A meu ver tem muitissimo mais prestimo e valor a mulher que preside á pequena assembleia da sua familia, regendo tarfas de bordados e costuras, do que a mulher-galopim que anda esmolando votos de porta em porta, e toma assento n'uma assembleia eleitoral, expondo-se a desacatos e insultos dos que não respeitam a qualidade da mulher.

«Em vez de passar listas e discutir politica, vá para o regaço da sociedade domestica, vá dirigir a sua casa, e se lhe sobrar tempo, fie na roca ou pesponte meias, que é uma occupação bem mais util e accommodada á sua condição.

«Agora, á autoridade que presidiu n'aquella assembleia, sempre lhe lembraremos que praticou um erro de peso de muitas arrobas.»

Muito bem! alegre ouvir-se falar assim. Os excessos d'um e outro sexo devem sempre achar um correctivo na razão.

Nos paizes selvagens, a mulher faz a guerra e dá oráculos como sacerdotisa; é de lastimar que na Europa culta haja tambem creaturinhas do sexo fragil esquecidas de honrarem o *sexo piedoso*, como lhe chama a Igreja, para claramente se collocarem no logar que pertence aos homens. Nós sentimos; mas, ao inverso de muita gente, não nos admiramos. Em a natureza, abortos hade havel-os em todos os tempos. A tal ambicionadora de bigodês pertence ao numero dos abortos.

Notas

Proudhon definiu a *democracia moderna* assim: *La démocratie, c'est l'en-vie*. Esta definição é provada pelos factos que tem buscado o engrandecimento á custa de outrem, fazendo-se de tal modo uma *theoria practica*; a *individualidades* não alludimos, pois que as



DU GUESCLIN

haverá honestas, cremol-o mesmo, em tal *democracia*; mas o que se tem visto? A *democracia* em these não é condemnada, pôde ser uma *situação social*, absoluta ou temperada; em hypothese vêmol-a no Norte da America sem offeuder a justiça.

N'um *meeting* de mulheres, verificado há pouco em Birmingham, a favor da *emancipação das mulheres*, uma menina chamada Cozens, lembrando as dificuldades oppostas á tal *emancipação* também lembrou «que a hora das resoluções desesperadas era chegada e que a dinamite estava á disposição de todas!» Que pomos em annos *vão precoces!*

E' uma das loucuras d'estes tempos a emancipação da mulher, dando por inutil, em parte, a obra de Nosso Senhor Jesus Christo, e procurando emancipar a mulher para de novo a tornar como *cousa*; e assim também o *paganismo moderno*, abraça o *paganismo antigo*, mas com o emprego de palavras e promessas lisongeiras e de traição.

A mulher tem o seu *reinado* na observancia fiel do emprego dos meios conducentes aos fins para que Deus a creou. Homens e mulheres, somos todos da mesma *emancipação*. «*Liberavit nós Deus!*» O Divino Redemptor anniquillou a lei pagã e reivindicou os justos fóros da mulher!

Em S. Paulo (Brazil) teve logar uma conferencia, na qual o conferente se occupou da vantagem de um curso de *sciencia popular*; teria em vista aquelle conferente tornar o povo *sabio* ou habilitar individuos para sabiamente dirigirem o povo? qualquer que fosse o intuito n'aquelle *peregrino* alvitre não nos abala no conceito de que todos os *novissimos* gestores do povo bem fariam não se occupando da gente popular, deixando-a em paz, e assim não a inquietando com *zelos escusados*, suspeitos, quando não mal provados.

Estão promptas as construcções para a grandiosa futura proxima Exposição de Chicago (Estados-Unidos-Norte-Americanos); depois de promptas taes construcções foram abençoadas pelo Eminentissimo Cardeal Arcebispo de Baltimore; não interveio em funções ministro algum do *culto protestante*. O acto ou celebração da Benção foi com toda a solemnidade, com um mui numeroso concurso de gente, assistindo o Vice-Presidente d'aquella República Ameri-

cana; o Presidente d'esta não concorreu, porque sua Esposa estava gravissimamente enferma, e mesmo se não fallecida já áquella hora, era defuncta pouco depois.

Na referida, extensa e poderosa nação, o principio religioso é sustentado; á impiedade não se tributam honraes; a Igreja de Deus goza das suas sanctas liberdades que Lhe são de direito divino!

Este mundo era, *antes do peccado*, o Paraiso terreal; o peccado tornou o Valle de Lagrimas; e se o não fóra antes d'este seculo, seria dentro dos ultimos cem annos decorridos, designado d'aquelle modo, pois que nunca antes houve com annos mais cheios de acontecimentos desgraçados de toda a especie, como o que está quasi a ligar com o seculo XX da era christã! Referimo-nos aos *feitos* de uma parte dos homens; *feitos*, cujas consequencias, malignas como maligna sua causa, se têm generalisado com horroroso espanto das cabeças que pensam e dos corações que sentem. Com referencia ao que dimana do Todo-Poderoso as graças e favores tem sido immensas nos mesmos 100 annos, por isso que Deus é de infinita bondade e misericordia, e é *Patiens quia aeternus*; a ingratição dos homens está registrada n'Aquelle *Livro de Deus*, no qual *Totum continetur!* Aos verdadeiramente arrependidos o Juiz Supremo perdoa.

Saharã—Corre uma opinião sobre esta extensa parte da Africa, que a fazer como um deserto no rigor da expressão; o Saharã não é de todo inhabitado, nem desarborizado inteiramente e sem cultura. Ha tempo fallou-se muito em França de formar ou transformar o Saharã n'um mar interior da Africa; um catholico, *Mr. Ferdinand de Lesseps*, agitou muito tal pensamento. O *Africanista*, no presente, por excellencia, é o Eminentissimo Cardeal Lavigerie, Arcebispo de Carthago e Argel; tudo o que tem feito os outros presentes *africanistas* não chega a igualar o realisado por aquelle successor dos Apostolos e mais Missionarios de Deus! Ha por essa Europa fóra muitos *elogios africanos* que são *sujeitos a caução*; os elogios rendidos ao Eminentissimo Lavigerie e mais Missionarios da Igreja de Deus referem-se a *factos* derivados do Espirito Apostolico e practicados em este mesmo Espirito.

Que horrores tem sido postos em practica n'estes tempos de *exploração d'Africa* por entidades, que se tem in-

titulado promotores da *civilisação* do continente Africano! Ha não poucos annos que estamos de sobre-avizo pelo que ouvi a um dos *taes civilisadores*, e ouvi-o longe de Portugal; ultimamente li alguma publicação que também me fez ficar de pé atrás (como se diz vulgar mas expressivamente) sobre merito de Verdade Eterna não attendido por *aquelles civilisadores* leigos, não querendo nós comprehender todos n'este juizo. Busca de muita civilisação temporal, muitas noticias que interessam a curiosidade humana, passos e encontros arriscados, colleccões de valor enviadas para esta parte do mundo, etc.; mas as cousas de verdadeiro interesse moral, promovidas a bem dos africanos, occupam ellas em régra, e sem excepção, os cuidados dos missionarios do céu; e por excepção alguns seculares *africanistas*.

Dom Antonio de Almeida.



A educação e os exames officiaes

«Dê-se o ensino mas não se lancem peias ao estudo.»
(Relatorio do conselho do lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

(Continuação do n.º antecedente)



SCIENCIA sem Deus! Entre nós a sciencia sem Deus, ou o *racionalismo*, cujas ramificações successivas se chamam *espinosismo*, *voltairianismo*, *kantismo*, *hegelimismo*, *positivismo* etc. está produzindo, na ordem politica, religiosa e moral, os mesmos effeitos deploraveis que o opio dos inglezes na ordem physica entre os povos do Celeste Imperio.

Esmorece a olhos visto, exaustos de forças, o magestoso e fortissimo organismo da sociedade europea, cujas extremidades estão já frias, avisinhando-se o dia em que o coração o estará também.

E sabem porque succumbe essa sociedade, a mais bella e perfeita que jamais houve? Succumbe porque lhe propinaram veneno mortifero; morre porque sendo a doutrina catholica o seu sustento benefico, foi-lhe ministrado como alimento por medicos empiricos a substancia racionalista; morre porque, assim como o homem não vive unicamente de pão mas de toda a palavra que sae da bocca de Deus, assim também as sociedades não perecem tam sómente pelo ferro, mas pela doutrina anticatholica saída da bocca dos philosophos; morre porque o erro ma-

ta e a sociedade moderna está fundada sobre o erro.

Erram, sim, os fautores do chamado *progresso moderno*, poisque, arvorando-se sem mandato algum em mestres e doutores das nações, pretendem dar aos problemas da vida soluções diametralmente oppostas ás da Igreja catholica, oraculo infallivel da verdade. que Deus mesmo se dignou ensinar-nos. e fóra da qual tudo é embuste e mentira. Erram com respeito á origem, essencia e fim do homem; erram em relação aos deveres mutuos dos homens entre si; erram sobre a organização e subordinação das diversas classes sociais; erram sobretudo no conceito que formam do bem e do mal, da virtude e do vicio, sendo o signal caracteristico que os distingue—o odio á verdade.

A verdade! é tam poderosa a força vital da verdade, alma da sociedade christã, que se os truões hodiernos conservassem a posse d'uma verdade, uma só que fosse, esta unica verdade poderia salvar-os. Mas é tam profunda a sua queda, tam radical a sua decadencia, tam completa a sua cegueira, que esta unica verdade, não a possuem. E eis a razão porque a catastrophe que se vem approximando será chamada na historia a **CATASTROPHE POR EXCELLENCIA.** (1) Catastrophe inevitavel, se a sciencia sem Deus continuar a ser difundida por toda a parte e ministrada á juventude como a sua natural sustentação, como o seu unico bem appetecivel. Catastrophe inevitavel, se á invasão sempre crescente do naturalismo se não oppozer um dique insuperavel ou se o veneno não for debellado com a veniaga restauradora da sã doutrina e boa educação; operação esta muito difficil, de certo, porisso que o mal é já immensamente grande, estando quasi que realisado por completo o voto satânico da seita, formulado claramente por Mazzini, Edgard Quinet, Paul Bert, etc.: «Cumpre remover para longe dos espiritos juvenis o contagio pestilento, a lepra asquerosa da superstição, (isto é da religião); urge que as gerações novas bebam por todos os sentidos, absorvam e aspirem por todos os póros o racionalismo naturalista—é este o meio efficaz de regenerar em breve e para sempre a humanidade embrutecida pelo sobrenaturalismo sacerdotal.»

Afastar os jovens de toda a influencia religiosa e involvel-os n'uma atmosfera de naturalismo impio, tal é o duplo meio de que a seita lança mão para perverter a mocidade. Ora, consequem-se arteiramente estes dous intentos, graças aos exames officiaes, consoante se estão fazendo entre nós.

Como assim?

(1) Donoso Cortez, 1 vol. pag. 874-5.

E' simplicissimo; por meio dos programmas e dos compendios, impostos aos mestres e aos discipulos, programmas e compendios vasados cuidadosamente nos moldes do mais puro naturalismo.

Percorramos os programmas ultimamente elaborados para os cursos d'instrução secundaria.

N'elles observou-se a primor o ideal mazziniano, expurgado-se cuidadosamente da lepra nojenta da vil superstição. De religião não se fala alli, em contrario do que se pratica mesmo nos paizes protestantes, onde ha um curso de ensino religioso obrigatorio para todos, e assaz desinvolvido.

Entre nós, não, mil vezes não! Ora esta! seria um retrocesso medieyal.

Eoganamo-nos todavia; os programmas falam em religião nos cursos de geographia e de historia, mas como?

Ab! Tracta-se alli das diversas religiões dos povos, assim como se tracta do seu commercio, industria e governo. E nõle-se bem que para satisfazer ás exigencias do exame official é forçoso ensinar a meninos de 12 para 14 annos um tratado comparativo das religiões. Este ensino é por certo muito superficial e resumido; mas quem não vê o perigo de semelhante exigencia? Ensinar as creanças sem criterio nem discernimento, e com umas luzes muito tenues ainda ácerca da nossa sancta religião, o brahmanismo, o budhismo, o mahometismo, o protestantismo, o felicismo, etc. com as suas variações, com os abusos a que deram logar, com os absurdos que envolvem, etc. etc. não será acaso funesto para esses espiritos debeis? Não resultará d'ahi uma deploravel confusão de idéas, recalado sobre a verdadeira religião o menos-prezo que ás falsas merecem? Não será em muitos casos este ensino um germen de impiedade depositado no coração dos jovens para cujas paixões nascentes a religião é um censor severo e um jugo oneroso? Não virão pelo menos as negras sombras da dúvida empanar o fulgor da fé e entorpecer a nobre e ardente vitalidade da alma para a prática das virtudes? Assim acontece infelizmente para muitos. Vendo o joven que a religião é tractada como qualquer ramo dos conhecimentos humanos; que se fala em religião e religiões como se fala em formas de governo, industria, commercio etc.; que cada nação teve a sua religião peculiar; que esta passou por tantas e tantas alterações e vicissitudés, acostuma-se a considerar a religião não como uma cousa sagrada e divina, mas como uma instituição puramente humana, sujeita ao capricho dos homens e das paixões. Quam facil é demais a mais um professor descrente insinuar arteiramente, quer nas

suas prelecções quer no acto mesmo do exame, idéas malevolas, principios falsos e funestissimos, como estes, por exemplo, que ouvimos no presente anno escholar: «No principio da existencia de todos os povos apparecem certas lendas, filhas da imaginação, mas que não tem nenhum valor historico; a classe sacerdotal em todas as nações abusou da sua influencia para escravisar o povo; nas regiões do norte da Europa, onde predomina o protestantismo, ha mais progresso, mais civilização, e os povos são muito mais adiantados em tudo e por tudo que os do meio dia etc. etc. . . »

Póde, sem duvida, um professor habil e religioso attenuar os inconvenientes de semelhante ensinamento; é porém muito de admirar que no reino fidelissimo, cuja religião d'estado é a catholica apostolica romana, o ensino official se limite simplesmente a classificar a, dizendo com respeito a essa nossa sancta religião, unica verdadeira, e á qual devemos tudo o que somos e valemos, que entre as numerosas religiões do mundo é *uma ramificação do Christianismo*, confundindo a sacrilegamente de mistura com as innumerás seitas protestantes!!!

Se este ponto do programma official é já aciuloso ou muito equivoco e revela, dir-se-hia, um plano traiçoeiro conducente de promover a descrença e diffundir a impiedade, desapareça no programma de historia toda a duvida que podésse permanecer a este respeito no espirito d'alguem.

Este ostenta a impiedade sem rebuço.

1.º Apeou-se a *historia sagrada* do throno pñmial que por todos os titulos lhe pertence, sendo o Egypto collocado em primeiro logar como se fóra a primeira e a mais importante das nações antigas. Attribute-se menos valor á historia de Moisés que a *Manethon*, sacerdote egypcio, que escreveu tres seculos antes da era christã, e entre outras fabulas dá conta de varias dynastias formadas por semideuses, o primeiro dos quaes, segundo elle assevera, *Vulcano*, reinou 9.000 annos!! Aos olhos dos pretendidos sabios que elaboram o programma, gosam de muito mais auctoridade que a *Biblia* alguns archeologos infatuados, cujas affirmações, pouco mais que gratuitas e contradictorias entre si, se annullam mutuamente. Não ha de facto sciencia mais exposta a divagações e equivocos que a archeologia—tendo o archeologo merecido por suas numerosissimas aberrações a graciosa designação de: *vir bonus delirandi peritus!* Varão honrado atreito a divagar. Tudo porém serve ao sectario: lança-se mão com avidez da mera apparencia da verdade para com-

bater a religião; a historia moderna está sendo campo predilecto da impiedade e é com toda a justiça que Joseph de Maistre a qualificou dizendo: *a historia moderna é uma conjuração contra a verdade.*

2.º Tratando-se da historia sagrada o programma official diz: «Israel, tradições primitivas!!!» Com estas duas palavras fica sendo negada e destruída, como se vê, a authenticidade dos nossos livros sagrados, cujas verdades inconcussas, por divinamente reveladas, passam a ser meras tradições ou lendas destituídas de valor real; por tanto arruína se pela base com essa simples allegação a nossa sancta religião, cuja economia se estriba evidentemente nos escriptos inspirados de Moisés.

3.º Passa-se em silencio, como successo historico sem importancia alguma, o nascimento, vida, morte e resurreição de Nosso Divino Salvador!!!

D'esta forma o facto culminante da historia universal, a vinda d'*Aquella* que é o principio e o fim de todas as cousas, o desejado das nações, o restaurador, o salvador do mundo, não encontra cabimento no ensino official d'uma nação christã, filha do sangue que Elle mesmo se dignou derramar por ella!!! Oh estupenda ingratidão! Oh malvadez inqualificavel! Oh plano satânico habilmente urdido e que é a *Conjuração do silencio!!!* Dá-se a Licurgo, a Mahomet.

a Luthero etc., um lugar proeminente na exposição historica dos successos humanos, e o Rei dos reis, o Senhor do Ceu e da terra, não se julga digno d'uma menção especial; só de passagem é que a custo se referem a elle «Fóra, fóra!» bradaram outr'ora os judeus deicidas; os sectarios hodiernos procedem a esta remoção fria e cynicamente sem preferir uma palavra!

O que porém é ainda mais lamentavel é que este novo attentado, este quasi que deicidio, pode realisar-se n'um paiz catholico, sem que ninguem proteste, sem que ninguem repare, sequer. Onde estão os discipulos de Jesus? Adormeceram. Que é feito das sentinellas de Israel? Não erguem a voz? Não chamam ás armas? Não, não, comtanto que os inimigos procedam habil e cautelosamente e não lhe criem attrictos, deixam correr, deixam derrocar pedra a pedra a Igreja de Deus, cuja guarda lhes foi confiada. Em vão a esposa do cordeiro suspira dizendo: *Videte si est dolor...*

(Continúa).

O ex-alumno do lyceu J. A. R.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Chandernagor

(Vid. p. 253)

UMA das mais formosas cidades de Bengala, situada na orla do Hougli, ou Bhagratti, o maior affluent da direita do Ganges, engrossado da esquerda pelos Kankai, Mahanada, Tangun, Parnababa, Tista e Brahmaputra. Tchondan Nagar, ou «cidade do Sandalo» é como a designa o sanscrito, dando-lhe tambem o nome de Tchandra Nagar, a «cidade da Lua».

Pertence á India franceza; tem 22:000 habitantes e assenta a 1750 kilometros de Pondichery. Ha um seculo era grande o emporio commercial d'esta praça, mas diminuindo de anno para anno pelas guerras continuas e pelo muro de postos fiscaes que a rodeia, prova de que se um governo contribue demasiadamente um povo, a actividade estaciona, a miseria apparece e em breve espaço as garras do fisco não encontraram que levar. São, no entanto, ainda apreciadas as mousselinhas e os damascos d'esta pérola industrial. O monopolio de sal e de opio está nas mãos dos inglezes, que pagam para o Estado algumas centenas de contos.

Chandernagor eleva-se graciosamente no fundo d'uma bella enseada, formada pelo rio; tem ruas largas e bem alinhadas, com edificios elegantes, solidamente construidos. Os palacios e os templos erguem-se no centro de jardins magestosos, onde os massios de palmeiras e outras arvores colossaes offercem abrigos seguros contra a ardençia dos raios do meio dia.

Por largo tempo foi rico manancial da opulencia portugueza. A loglaterra porém usurpou Chandernagor em 1757, que em 1763 passou ao dominio da França pelo tratado de Versailles. Retomada em 1793, volveu á França em virtude do tratado de Amiens, para algum tempo depois regressar a colonia ingleza, vindo definitivamente ao poder da França em 1816.

N'estes ultimos annos, o areamento do rio, que lhe difficulta a navegação, tem causado prejuizo incalculavel á gentil cidade, em via de grande desinvolvimento, agora que alli passa a linha ferrea que vai de Haoura a Béhar.

Chandernagor tem ainda dentro de seus muros muitas familias oriundas dos portuguezes do seculo XVI e XVII.

Du Guesclin

(Vid. p. 259)

Eis um d'esses vultos salientes da idade media, que nascidos ao estridor das armas, pareciam feitos para a guerra, como o peixe para nadar e a ave para voar. As batalhas constituíam o seu elemento principal de vida. Em chegando a hora de descansar o braço, rendiam tambem o derradeiro alento, como quem já não tinha missão que desempenhar sobre a terra.

Bertrando Du Guesclin nasceu em 1314, no castello de Motte-Broon, nos arredores de Rennes. Teve a estrêa de suas lides ao serviço de Carlos de Blois na guerra da successão da Bretanha. Alistado sob as bandeiras da França desde 1361, bateu em Cocherel o exercito do rei de Navarra. Carlos de Blois deu-lhe o senhorio de Roche-Derrien e o rei o viscondado de Pontorson. Apriornado por Chandos em Auray teve que pagar um resgate de cem mil libras. As suas tropas, a que deram o nome de *grandes companhias* eram o açoute das provincias onde estacionavam, e para livrar d'ellas o reino passou á Hespanha a defender os direitos de Henrique de Transtamara, que lhe deu o condado de Soria, o ducado de Molina e Transtamara, e nomeou-o condestavel de Castella e Leão. Portugal teve assás que soffrer d'uma digressão das famosas companhias.

Em 1370 passou a França a varrer os inglezes da Normandia, da Guianna, de Saintonge, Poitou e Limosin.

Após a confiscação da Bretanha por Carlos V, foi accusado de traidor e, indignado, enviou ao rei a sua espada de Condestavel. Voltando porém de novo a tomar as armas contra os inglezes, infermou e falleceu em Lozère, no cerco de Chateau-Neuf.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



UM de nossos queridos assignantes, Antonio Rodrigues Guedes Pinto, de S. Lourenço do Bairro (Anadia), passou da vida presente em 3 do corrente novembro. E' o mez das Almas. Os nossos piedosos leitores sejam

sollicitos em alliviar por suas preces esta alma que nos é tam cara, mas que muito mais o é a Jesus.

D. P.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—Passaram as eleições municipales como as eleições de deputados. «Umás e outras foram uma burla. A vontade popular manifestou-se pelo suffragio tam genuinamente em umas como em outras. Os processos postos em prática para alcançar victoria foram os mesmos. Houve pressões, subornos, corrupção a vinho e a dinheiro, eleições simuladas, actas falsificadas», etc. etc. Ora quem assim fala é nada mais e nada menos que o impio, o republicano «Seculo». Pranteámos o que elle pranteia, mas por diverso sentimento. José de Maistre havia dicto que a ruina das nações adviria do suffragio, por ser caminho para a grande desmoralisação dos povos, e nos paizes do suffragio tem ella ido ao fundo do abysmo. O ultimo passo n'este descenso lastimoso leva-nos á republica, onde o «Seculo» nos receberá de braços abertos expungindo-nos, se lhe fôr possível, de quanto em nós ha de patriotismo e de crença religiosa.

Deus, porém, ainda vela sobre as nações, e se não usar conosco do rigor que merecemos, pode impedir de baixarmos á republica, que por força ha de ser republica sem Deus, alevantando-nos a regiões de maior honança que as que nos aponta o «Seculo» e a caohorte capitaneada por elle.

Os regeneradores mostram-se anchos a valer pelo compadrio que os liga ao snr. presidente do conselho, emtanto que o partido progressista deixa transparcer uns ciumes asedos por não usufruir honras eguaes. E' isto: ninguem se amofina pelas desventuras da patria, pelo mal que roe as camadas todas da sociedade portugueza, o que se quer é não andar distante do erario nem do manancial das graças. São os partidos uns maus filhos que desavém por questão de partilhas.

—As Magestades portuguezas foram a Madrid realçar as festas colombinas; mas ao sair da capital, suezes insultolhes foram dirigidos por um bando de republicanos, do qual era parte inte-

grante, dr. Eduardo d'Abreu, Alves Correia, Anselmo de Sousa, Alfredo Mesquita, Antonio Nogueira, Alfredo Costa, dr. José Isidoro Vianna, Casimiro Franco, Baptista Machado e Faustino da Fonseca.

Em tanto que os reis de Portugal tomavam o caminho da Hespanha, os sobredictos irritaveis seguiam sob a vigilancia da policia para a esquadra e d'ahi para o governo civil.

Malsinam muitos o snr. Eduardo d'Abreu, por, tendo sido monarchico, se pôr de braço dado com os republicanos. Nós vamos archivando os malsinadores: em surgindo uma mudança politica no sentido republicano, a maioria d'elles seguirá Eduardo d'Abreu como um rafeiro ao dono. Este é apenas mais animoso, no que realmente revela algum merito.

—Tantos são os danos provenientes do actual systema electivo, que ha a proposta de o modificar, estando já nomeada a commissão incumbida de elaborar a proposta de lei.

Devemos de ter processo mais racional. Por vezes tem apontado o «Progresso Catholico» as inconveniencias do actualmente vigente. E' todavia certo que muito não ha que esperar da commissão nomeada nem da camara que dará opinião ácerca da ambicionada lei. Alem da sciencia, urge que para tudo haja o *quantum satis* de consciencia, socia que jamais se ha de separar d'aquella. E havel-o-á? Volamos que não. Votem que sim os factos, e grande será o nosso jubilo. E' certo que as tragedias sanguinolentas repetidas em quasi todas as eleições, e tam fataes nas ultimas que tivemos, clamam ao céu contra um satanico systema, que veiu lançar a divisão entre os povos, quando, pela conjunctura em que nos vemos, tão carecidos andavamos de união e estreitissima união.

Hespanha.—Além das fronteiras, o facto predominante são as festas em honra de Christovam Colombo, realçadas agora pela visita dos reis de Portugal, acompanhados pelo presidente do conselho e snr. Bispo de Bethesda, ministro do estrangeiro.

Todo aquelle bulicio porém deixa transparecer umas nuvens no futuro, accumuladas pela diminuição de confiança no actual gabinete presidido pelo snr. Canovas, pela ambição republicana, e em summa, mais que tudo, pela delicada saúde d'um rei menino, cujo desaparecimento causaria uma erupção de idéas avançadas, contida talvez apenas pelos adeptos de D. Carlos.

Aqui, como em tantas nações euro-

peas, vão de modo as correntes politicas que só com muita obediencia á voz do Pontifice será possível attenuar as serias difficuldades, cujo desenlace se prepara para o fim do corrente seculo ou principio do futuro.

Recentes perturbações da ordem publica, suscitadas ao mesmo tempo em Madrid e Granada, produziram séria impressão no animo da rainha, que sem a coragem da raça austriaca teria ha muito desertado d'um posto nada facil de sustentar.

França.—Gravissima questão impende sobre a responsabilidade do actual ministerio. Varias dioceses se acham desprovidas de pastores; o governo, com o deastrado despolimento a que anda avezado propoz para as sédes vagas uns personagens que não merecem a confiança da Sancta Sé. Nem ao proprio Gambetta, quando geriu o poder, occorreu proceder por similtante modo. Em face do melindre da situação, Monseñhor Ferrata, huñcio apostolico, abandonou Pariz para pessoalmente se entender com S. Sanctidade.

Após o regresso, nega informação aos presbyteros patrocinados pelo governo, annullando assim o plano ministerial.

Não é facil dizer a solução d'esta lamentavel desintelligencia, sendo para temer que em não havendo mudança politica, continuem viuvyas as dioceses contra o estatuido na concordata.

O incidente de Carmaux, que parecia tomar uma feição mais benigna, aggravou-se repentinamente pelo attentado dos anarchistas, que depozeram uma bomba explosiva á porta da casa da companhia em Pariz.

A policia levou a bomba ao commissariado, e quando alli se procedia ao competente exame, a bomba inflamouse, n'uma explosão medonha, causando a morte a todos os circumstantes e fazendo destroços nos edificios circumjacentes.

Apar d'isto o assanho dos anarchistas é dia a dia mais audaz.

Veja-se quanto é difficil governar os homeus quando o que governa não é o representante de Deus. Factos como este são licção misericordiosa, dada aos obstinados que se animam a contradizer o principio: *Omnis potestas a Deo.*

Noticias

Exercicios espirituaes para seculares.—No dia 27 de dezembro proximo futuro, principiarão em Guimarães os

exercícios espirituaes para seculares, sob direcção dos Rev. Padres da Companhia de Jesus. Ha muito se tornava sensível a falta d'estes exercicios: o clero tinha facilidade de os praticar. as senhoras egualmente, mas os homens não ecclesiasticos viam se em difficuldade a este respeito.

E' grato n'um assumpto de tam singular utilidade irmo'-nos pondo ao lado das nações cultas.

Aquelles senhores, pois, que desejarem tomar parte nos referidos exercicios, que devem durar seis ou oito dias, dignem-se dirigir-se ao R.^{mo} Sr. Padre Bento José Rodrigues, rua de Santa Luzia—GUIMARÃES.

Novembro—15.

R.

VARIÉDADES

O cavalleiro da Pomba

(Continuação do n.º 20)

ARRITARAM-SE os tres mancebos com a placidez de Vicente, e lá cada qual comsigo resolveu punir uma independencia que lhes desagradava. Nada pois mais facil, em corações malevolos, mórmente na vida de communidade, em que a todo o instante do dia se encontram uns em contacto com os outros.

«Desde logo lhe manifestaram o mais sério desdem, negando lhe a saudação fraternal quando não fosse na presença dos superiores, repellindo-o de suas conversações e passatempos, e jogando-lhe de passagem phrases offensivas da caridade christã. Vicente contemplava porém estas pequenezas d'um modo imperturbavel. Receoso todavia de os ter involuntariamente desgostado, inquiria em si mesmo a falta em que pudéra haver incorrido. De nada o argula a consciencia. Possível julgava porém ter um ou outro momento desrê-

peitado algum preceito da delicadeza, e resolveu-se a interrogal os para se esclarecer. Dirigiu-se a cada um d'elles, mas uns após outros viu-os arredarem-se sem lhe responder nem ao menos fital-o.

«Occorrendo-lhe então abrandal-os por estremada suavidade, continuou a tractal-os como n'outr'ora, sempre zeloso nas funcções que lhe eram confiadas, e bondoso e lhano com seus companheiros n'armas.

«Por sua qualidade de cavalleiro mais novo, incumbiu-o o commendador de ser o ajudante do procurador nas acquisições que este fizesse em Gréoulz e em pagar aos camponeses do sitio as provisões que lhes fossem compradas. Briosamente desempenhava a tarefa que lhe tocava, com applauso e gosto das pessoas com quem tractava. D'uma integridade austera, jamais se tinha ouvido uma queixa que lhe diminuise o conceito.

«Não foi pois sem maguada surpresa que notou o modo mais rude com que aquelle povo simples começava a portar-se com elle. Quando transpunha o limiar d'um visinho com o alegre: *Seja Deus louvado e haja paz comvosco!* respondiam-lhe seccamente, e contado o dinheiro sobre a mesa da cosinha, recebiam-no receiosos, e as moedas eram volvidas, uma por uma, d'um e outro lado, com ares de tal desconfiança que lanceavam o coração do pobre moço, e em vão investigava elle a causa d'este insolito procedimento.

«Não era elle quem guardava o dinheiro, mas sim o procurador; Vicente pagava sem desviar um real; que teria pois contra elle aquella sancta gente?

«Não tardou uma circumstancia fortuita a esclarecel-o dolorosamente um dia que, já quasi noite, caminhava por um atalho orlado de seves altas, atraz das quaes falavam um grupo de lavradores, iguorando que o tinham assim ao alcance da voz.

«—A verdade é esta, affirmava um, o cavalleiro Mario esteve aqui, ainda hon-

tem, á tardinha de todo, e assim me Deus salve como elle lhe rasgou o véo: estejamos de pé atraz com o tal snr. Vicente.

«—Boa te vai! não ha tres dias que o cavalleiro João me pespegou, tim-tim por tim tim, essa mesma ladainha. E accrescentou: Tio André! d'isto, bicco calado; não seja como as mulheres, que em não falando estoiram.

«—E eu, obtemperava um terceiro, ouvi a mesma léria, tal qual, ao cavalleiro Juliano: são logo os tres a falar por uma bocca.

«—Olhai porém, rapazes, deffendia um que não tinha opinião antecipada; elle tem cara de tam hom christão.»

«Mas é tristemente certo que o mal é mais depressa accreditado que o bem. Por isso, á uma, protestaram os demais rusticos:

«—Bom christão! que o leve o diabol! quem vê caras não vê corações. Olha agora! Nas aguas mortas é que um homem se afoga... Bom christão? Será. Mas então que não apanhe o que pertence a uns pobres como nós somos, para andar ahi todo ancho com mantos de preço e armas de rico senhor... Em o commendador o sabendo...»

«Vicente não escutou mais.

«Era lá possível aquillo? Quanto ouvia parecia-lhe um sonho, um pesadelo tormentoso. E scismava: «Andará algum máo espirito a tecer-me um laço? Na hora do crepusculo não é raro verem-se, sob todas as formas, engendrar ruins propositos...» Custava-lhe a crer o que ouvia. Parecia-lhe ver n'aquillo obra de Satanaz tramada contra a benemerita commenda. Benzeu-se devotamente deante do crucifixo de pedra levantado sobre a portaria de Gréoulz, e repelliu de prompto as idéas sinistras que o torturavam.

(Continua)

Vers. de Cesar Carmo.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis. moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meio anno. O anno começa no 1.º sabbado de Janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.